

O SENTIMENTO DE ESPERANÇA E O SOFRIMENTO EMOCIONAL EM ADOLESCENTES BRASILEIROS EM TEMPOS PÓS PANDÊMICOS

Deise Maciel de Queiroz ¹
Luciene Regina Paulino Tognetta ²

RESUMO

Considerando os diferentes contextos sócio-histórico-culturais do Brasil e a atuação dos seres humanos como sujeitos que vivenciam, participam, intervêm e atuam sobre a realidade, o trabalho ora descrito teve como ponto de partida investigar o sentimento de esperança a partir da escuta dos adolescentes dos 8º e 9º anos das escolas de ensino fundamental (anos finais) da rede pública e privada em tempos pós pandêmicos. Além de um procedimento ético, político e pedagógico, a escuta deve ser pensada como uma atitude ontológica de reconhecimento dos adolescentes na condição de pessoas em si mesmas, em sua igualdade e em suas diferenças em relação aos adultos, conferida pela condição peculiar de desenvolvimento, uma escuta sensível que respeite as adolescências. A partir dessas afirmações, surgem algumas indagações: meninos e meninas adolescentes têm manifestado o sentimento de esperança quanto ao seu futuro? Meninos e meninas adolescentes têm manifestado problemas de sofrimento emocional? Existirá uma correspondência entre o sentimento de esperança e o sofrimento emocional autopercebidos por adolescentes? Haverá diferenças entre a manifestação desses sentimentos e as variáveis de gênero, raça e tipo de escola? Optamos pela revisão bibliográfica acerca dos descritores esperança, adolescentes e sofrimento emocional. A presente pesquisa de caráter exploratório, descritivo, e com abordagem quantitativa tem por objetivos validar um instrumento de mensuração do sentimento de esperança, constatando a prevalência do sentimento de esperança entre adolescentes, verificando se há diferenças entre gênero, raça e tipo de escola e se existe correspondência entre o sentimento de esperança e o sofrimento emocional autopercebidos por adolescentes. O instrumento de investigação será um questionário aplicado de maneira on-line contendo itens relacionados ao perfil; ao sentimento de esperança e ao sofrimento emocional.

Palavras-chave: Esperança, Adolescentes, Sofrimento Emocional.

¹ Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista - Júlio de Mesquita Filho – Faculdade de Ciências e Letras – Câmpus de Araraquara - SP, dm.querioz@unesp.br

² Professora orientadora: Professora Dra. Luciene Regina Paulino Tognetta - professora do Departamento de Psicologia da Educação da Faculdade de Ciências e Letras e do Programa de Pós Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista - Júlio de Mesquita Filho - Câmpus de Araraquara - SP. Pesquisadora e líder do GEPEM - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral Unicamp/Unesp, luciene.tognetta@unesp.br

INTRODUÇÃO

*Que toquem os sinos em nome da esperança
Eterna criança que vive, brincando, no peito
Dos homens que sabem da força que tem o respeito
Para com os seus semelhantes,
Na luta por seus direitos
Que traga a alegria o toque feliz deste sino
E faça dançar nas ruas meu povo menino.*

Gonzaguinha, “Esperança”, 1981

Por que falar sobre a esperança?

Ah, a esperança!!! Como dialogar sobre um sentimento a partir de uma conversa crítica, filosófica, poética, ética e humanista no contexto em que vivemos? Contexto especialista em criar ausências do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida (KRENAK, 2020) e das relações na modernidade líquida no cenário de pós-modernidade (BAUMANN, 2001). Escolhemos justamente o sentimento de esperança, parafraseando Paulo Freire (1992), porque não somos esperançosos por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico, por questionar o mundo e buscar respostas possíveis.

Nos últimos anos, considerando os inúmeros fatos que construíram a história da nossa sociedade e do mundo, o sentimento de esperança foi quase que um imperativo existencial. Pandemia, guerra, ascensão de ideias antidemocráticas, polarização política, desastres ambientais, massacres contra os povos indígenas, aumento da desigualdade social, intolerância, aumento do sofrimento emocional, divulgação de fake News, dentre tantas outras questões que foram tecendo o cenário social e do cotidiano.

Na perspectiva do sentimento de esperança, (FREIRE, 1992) deu uma importância legítima à esperança, transformando-a no verbo esperar. Muito mais do que algo que se espera, se deseja ou se sonha, muito além do que se encontra em francês “*espoir*”, em inglês “*hope*”, em italiano “*speranza*” e tantas outras línguas existentes, a esperança é uma necessidade ontológica, ela não se configura apenas no vir a ser, ela já é. É o sentimento que move a busca e a ação.

A minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Enquanto necessidade ontológica, precisa ancorar-se na prática. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira assim, espera vã. A desesperança nos imobiliza e nos faz sucumbir ao fatalismo em que não é possível juntar as forças indispensáveis ao embate recriador do mundo (FREIRE, 1992, p. 14).

Dessarte, não se pode negar a desesperança como algo concreto. Há razões históricas, econômicas e sociais que a explicam. O que propomos neste estudo é a investigação sobre o sentimento de esperança em diálogo com a existência humana e a necessária luta para fazê-la melhor, o que não se dá, considerando os estudos pesquisados, sem o sentimento de esperança e a ação disposicional.

Nessa perspectiva, abordamos as paisagens da esperança ao longo dos diversos contextos sócio-histórico-culturais, dialogando com os conceitos que a definem em diversas perspectivas teóricas, tais como a psicologia, a educação, a sociologia, a antropologia, a saúde e a teologia.

A pesquisa considerou quatro critérios essenciais (LIMA, MIOTO, 2017) sendo o parâmetro temático para a organização os descritores esperança, adolescentes e sofrimento emocional, o parâmetro linguístico com pesquisas e publicações realizadas nos idiomas em português, espanhol e inglês, as fontes primordiais de consulta com foco no Banco de Teses da Capes, no Portal Athena, sistema de busca integrada na rede de bibliotecas da Unesp e nos artigos científicos publicados no Banco de Dados da Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e o parâmetro cronológico das publicações, a partir de 1990 até o presente momento.

A escolha pelo ano de 1990 foi realizada devido a publicação das primeiras pesquisas relacionadas à teoria da esperança e ao desenvolvimento de uma escala de mensuração da esperança (SNYDER, 1991).

As pesquisas e estudos encontrados na literatura científica nos convida a dialogar sobre as diversas paisagens que foram tecidas sobre o constructo esperança, nos remetendo ao encontro com diversas áreas do conhecimento.

Paisagens da esperança

Quando nos remetemos a uma paisagem, quais imagens são tecidas em nosso pensamento? Diversas percepções são possíveis, considerando os cenários que as paisagens podem compor.

Nesse sentido, dialogar sobre a esperança é um convite a adentrar em paisagens conhecidas e desconhecidas, alçar voos excelsos em busca da compreensão, da origem e dos significados que podemos construir em torno dela.

Dentre as pesquisas encontradas, foi possível organizar nove paisagens que nos permitem perceber que há variadas vertentes de estudos quanto ao descritor esperança e que

não há um consenso na literatura sobre a definição do seu termo (PACICO, ZANON, BASTIANELLO, HUTZ, 2013).

A primeira paisagem é a esperança relacionada com a área da educação. A segunda paisagem configura-se com foco na esperança relacionada com a área da psicologia. A terceira paisagem é a esperança relacionada à área da saúde. A quarta paisagem tem como foco a esperança relacionada a área da teologia.

A quinta paisagem é sobre a esperança relacionada com a área da antropologia, a sexta paisagem é sobre a esperança relacionada ao bem-estar, qualidade de vida e sofrimento emocional, a sétima paisagem é sobre o diálogo da esperança com as adolescências, a oitava paisagem discorre sobre a esperança e a pós modernidade e a nona paisagem aborda o sentimento de esperança na psicologia moral piagetiana.

O tema esperança é estudado com vários públicos-alvo, sendo grupos de idosos, adultos, adolescentes e crianças. Ela é definida como um emaranhado de cognições voltadas à obtenção de determinado objetivo previamente traçado (SNYDER, LOPEZ, 2009) e a ponte mental entre os objetivos desejados hoje e atingidos no futuro.

O seu significado tem sido atribuído a um conjunto de cognições focalizadas na obtenção de um objetivo, caracterizado por um estado emocional positivo em direção ao futuro, que surge em decorrência de uma relação entre as rotas e, ao mesmo tempo a capacidade de motivar-se para a busca de um determinado objetivo e os caminhos para alcançá-lo (SNYDER, LOPEZ, 2009).

A esperança (SNYDER, 1991) é constituída por dois elementos que se relacionam de forma interativa: a energia direcionada para objetivos (agência) e o pensamento para atingir os mesmos (pensamento de caminhos).

Os objetivos são tudo aquilo que a pessoa deseja experienciar e a teoria da esperança pressupõe que a ação humana é orientada para objetivos. Assim, os objetivos são a componente cognitiva da teoria e a âncora das sequências da ação mental (SNYDER, 2002).

Os caminhos referem-se à percepção da capacidade de gerar diversas formas para se alcançar os objetivos.

Os pensamentos constituem a componente motivacional da teoria da esperança, que impulsiona as pessoas a colocarem em prática as estratégias para atingir os objetivos, sendo uma energia mental e reflete a capacidade para iniciar e manter os movimentos necessários para alcançar os objetivos (SNYDER, 2002).

A agência e os pensamentos de caminhos se influenciam de forma recíproca e contribuem para o desenvolvimento mútuo e esse é fator essencial para a existência da esperança.

A esperança também foi definida como o reflexo da crença de que é possível planejar caminhos que viabilizem o alcance de objetivos e motivar-se a usá-los contribuindo com o bem-estar e as emoções das pessoas (SNYDER, RAND E SIGMON, 2002).

Considerando o parâmetro temporal escolhido para as pesquisas na literatura, Snyder na década de 1990 sugere que para existir a esperança são necessários dois elementos importantes: a rota e o agenciamento. A rota seria a capacidade que o ser humano possui para criar caminhos para alcançar o objetivo idealizado e o agenciamento refere-se à capacidade para iniciar a busca desse objetivo, bem como manter-se motivado para alcançá-lo (SNYDER, 1995).

Estudos longitudinais que examinaram a estabilidade da esperança concluem que existe uma natureza disposicional na esperança (RUIVO, 2015). Partindo desse pressuposto, o presente trabalho foi tecido considerando a palavra esperança como um valor e um sentimento na perspectiva da ação disposicional.

As pessoas com elevados níveis de esperança conseguem pensar em alternativas para atingir os seus objetivos e sentem confiança com a sua eficácia. Desta forma, são mais assertivas na maneira mais adequada de agir e adaptar os caminhos e também ter a flexibilidade quanto ao surgimento dos desafios. Pessoas com baixos níveis de esperança, tendem a ter muitas dificuldades em pensar nas alternativas quanto aos caminhos escolhidos (SNYDER, 2002).

Ao realizarmos a revisão bibliográfica da pesquisa sobre o sentimento de esperança em diálogo com as adolescências e os aspectos relacionados ao sofrimento emocional, embora sejam encontrados na literatura, os estudos com adolescentes em relação ao sentimento de esperança são bastante restritos.

A primeira publicação nacional sobre o tema foi realizada em 2011 (PACICO, ZANON, BASTIANELLO, HUTZ, 2011). Na ocasião, os pesquisadores envolveram uma amostra de 450 adolescentes com idades entre 14 e 18 anos, de escolas públicas e privadas, com o objetivo de validar a escala disposicional de esperança para adolescentes, até então só utilizada para adultos.

Nesse estudo, encontraram resultados satisfatórios com relação às características psicométricas da escala para a esperança disposicional entre os adolescentes e não identificaram diferença estatística significativa entre sexos e contribuíram para a indicação da

escala para uso com adolescentes, principalmente por compreender as características do desenvolvimento na adolescência.

O desenvolvimento cognitivo na adolescência, foi abordado por Piaget (1962/2004) que apresentou a ideia de que as capacidades cognitivas dos adolescentes se desenvolvem a partir das capacidades para raciocinar e pensar das crianças mais novas e que cada nova capacidade resulta da elaboração e integração das capacidades anteriores.

No período de transição das operações concretas para as operações formais da adolescência acontece uma mudança da capacidade de pensar, que vai, aos poucos, sendo capaz de integrar e aplicar esquemas a um número crescente de elemento da realidade de considerar as relações entre esses elementos, ou seja, avança para um nível mais formal do que concreto (PIAGET, 1962/2004).

Dessarte, o período de operações formais tem vinculação à maior capacidade de abstração dos adolescentes e à sua maior flexibilidade de raciocínio acerca da realidade e das suas possibilidades. Os adolescentes passam a ser capazes de utilizar estratégias lógicas, racionais e abstratas.

A capacidade de tomada de decisão se mostra essencial no desenvolvimento dos adolescentes, pois auxilia na antecipação de algumas situações e na realização de escolhas, bem como estabelecer relações, formular e resolver problemas e lidar com ideias abstratas (MACHADO, 2003). As capacidades cognitivas dos adolescentes permitem os processos de reflexão e ação sobre as suas realidades.

A adolescência é um conceito histórico que adquiriu distintas conotações de acordo com o momento e a sociedade que se relaciona (ÁRIES, 1981). É preciso reconhecer as suas especificidades e suas condições morais, sociais e históricas e nos contextos concretos em que se formam. Cada indivíduo ou grupo constrói sua identidade de maneira complexa no marco das próprias condições sociais, econômicas e históricas, e os significados que definem sua cultura local em relação à global (PUIG, 1998).

Alguns estudos evidenciam que a esperança pode ser um importante fator de proteção para adolescentes que vivenciam eventos estressantes (VALLE, HUBNER, SULDO, 2006). Esse estudo foi realizado com 860 adolescentes, estudantes entre 10 e 18 anos. Foi possível perceber que os eventos de vida estressantes previam comportamentos de internalização e baixa satisfação com a vida dentre os participantes com baixos níveis de esperança.

Outra pesquisa realizada com 566 adolescentes de 14 a 17 anos no sul da África (SAVAHL, ISAACS, ADAMS, CARELS, SEPTEMBER, 2013) avaliou as relações entre a exposição à violência, esperança e bem-estar. Destacaram, entre os resultados, que a

expressão da esperança é um preditor mais forte do bem-estar do que a exposição a eventos violentos, contribuindo com a ideia de que a esperança é importante pois protege os indivíduos de situações de violência.

Ser capaz de esperar, mesmo quando o cotidiano impõe a espera e a expectativa de futuro, pode ajudar os adolescentes a encontrar caminhos para alcançar objetivos desejados e se manterem motivados a seguir tais caminhos (ALARCON, BWLING, KHAZON, 2013; SNYDER, 1995, 2002; SNYDER, RAND, SIGMON, 2005).

É necessário que se implemente intervenções durante a adolescência favorecendo a criação de novas oportunidades para o desenvolvimento de potencialidades, permitindo que eles se tornem protagonistas de sua vida, cresçam e se desenvolvam de forma saudável (FARIA, ZANINI, CAMPOS, 2021).

A esperança configura-se como um fator poderoso para as questões emocionais e do bem-estar (CARRETA, RIDNER, DIETRICH, 2014). A literatura tem demonstrado a importância da esperança em diversas esferas da vida e, especificamente nos adolescentes, sabe-se que pensamentos esperançosos não só facilitam a criação de senso de identidade, mas também auxiliam no desenvolvimento de relações afetivas entre pares na ocorrência de momentos mais atribulados (SNYDER, 2002).

Durante a fase da adolescência, o adolescente necessita fazer uma série de enfrentamentos e tomar decisões que terão impacto no seu futuro, altos níveis de esperança atuam no sentido de impulsioná-lo a fazer escolhas melhores e também na mediação positiva do resultado destas escolhas (SNYDER, 1994, 2002).

A adolescência é uma fase importante para o desenvolvimento da identidade pessoal, das relações sociais, de objetivos e de valores que irão organizar a forma como o adolescente enfrentará a vida. Conhecer o processo de desenvolvimento e as características que fazem parte da adolescência pode fornecer orientações importantes para o trabalho junto aos adolescentes com foco no sentimento de esperança e sua correspondência com o sofrimento emocional.

METODOLOGIA

A presente pesquisa, de caráter exploratório, descritivo e com abordagem quantitativa teve como ponto de partida investigar o sentimento de esperança a partir da escuta dos adolescentes dos 8º e 9º anos das escolas de ensino fundamental (anos finais) da rede pública e privada em tempos pós pandêmicos, considerando as seguintes indagações: meninos e meninas adolescentes têm manifestado o sentimento de esperança quanto ao seu futuro?

Meninos e meninas adolescentes têm manifestado problemas de sofrimento emocional? Existirá uma correspondência entre o sentimento de esperança e o sofrimento emocional autopercebidos por adolescentes? Haverá diferenças entre a manifestação desses sentimentos e as variáveis de gênero, raça e tipo de escola?

Optamos pela revisão bibliográfica acerca dos descritores esperança, adolescentes e sofrimento emocional. A pesquisa considerou quatro critérios essenciais (LIMA, MIOTO, 2007) sendo o parâmetro temático para a organização deste primeiro capítulo o descritor esperança, o parâmetro linguístico com pesquisas e publicações realizadas nos idiomas em português, espanhol e inglês, as fontes primordiais de consulta com foco no Banco de Teses da Capes, no Portal Athena, sistema de busca integrada na rede de bibliotecas da Unesp e nos artigos científicos publicados no Banco de Dados da Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e o parâmetro cronológico das publicações, a partir de 1990 até o presente momento.

A presente pesquisa teve por objetivos validar um instrumento de mensuração do sentimento de esperança, constatando a prevalência do sentimento de esperança entre adolescentes, verificando se há diferenças entre gênero, raça e tipo de escola e se existe correspondência entre o sentimento de esperança e o sofrimento emocional autopercebidos por adolescentes.

O instrumento de investigação foi um questionário aplicado de maneira online com perguntas fechadas, sobre seu sentimento em algumas situações hipotéticas e a frequência de algumas situações, que será respondido, sem custo algum, de forma virtual, no ambiente escolar, num horário disponibilizado pela escola a fim de não prejudicar a rotina escolar, contendo itens relacionados ao perfil, ao sentimento de esperança e ao sofrimento emocional.

Esta pesquisa foi avaliada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara FCLAr - UNESP, sob os seguinte número de CAEE 68243723.6.0000.5400, que tem como função defender os interesses dos participantes das pesquisas, em sua integridade e dignidade, contribuindo para o desenvolvimento da ciência dentro dos padrões éticos, obedecendo aos critérios da ética nas pesquisas com Seres Humanos conforme resolução nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Destaca-se que a pesquisa está em fase de coleta de dados. Foi possível observar na amostra dos dados já encaminhados a hipótese de correspondência entre o sentimento de

esperança e o sofrimento emocional nos aspectos relacionados aos itens de bem-estar. Conforme aponta o estudo realizado sobre o sentimento de esperança, oportunizar aos adolescentes momentos para falar sobre si, expressar seus sentimentos, falar sobre suas crenças e suas atitudes é pertinente ao processo de desenvolvimento de habilidades e competências que os auxiliarão nas situações do cotidiano (MINTO, PEDRO, NETTO, BUGLIANI, GORAYEB, 2006).

Os aspectos sociais, afetivos e cognitivos apresentam influências sobre o comportamento humano e implica diretamente na promoção de saúde e bem-estar.

É necessário salientar o papel da esperança como variável psicológica protetora e facilitadora do desenvolvimento na adolescência e que os níveis de esperança do sujeito medeiam o impacto negativo de estressores adversos (VALLE, HUBNER, SULDO, 2006).

Uma pesquisa realizada em 2015 (PAJARES, AZNAR-FARIAS, TUCCI, OLIVEIRA-MONTEIRO, 2015) corrobora a ideia supracitada destacando que a adolescência é uma fase de transformação e estruturação de identidade com transições psicossociais importantes e que espaços como a escola, influenciam no desenvolvimento e promoção da saúde, tendo um potencial para desenvolver ações e valores positivos nos adolescentes.

Ao participarem dessa pesquisa, entendemos que os adolescentes expressarão a polifonia de suas vozes sobre o sentimento de esperança e o sofrimento emocional, pois além de um procedimento ético, político e pedagógico, a escuta deve ser pensada como uma atitude ontológica de reconhecimento dos adolescentes na condição de pessoas em si mesmas, em sua igualdade e em suas diferenças em relação aos adultos, conferida pela condição peculiar de desenvolvimento, uma escuta sensível que respeite as adolescências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A esperança é conceitualizada, em algumas pesquisas, como uma variável psicológica que revela a necessidade do estudo da adaptabilidade das crianças, adolescentes, jovens e adultos e tem sido associada a resultados positivos ao nível de rendimento acadêmico e da saúde física e do bem-estar (MARQUES, PAIS-RIBEIRO, LOPES, 2009) e assume um fator potencialmente protetor no desenvolvimento do sujeito (SNYDER, 2002; VALLE, HUEBNER, SULDO, 2006).

A esperança está positivamente associada a elementos como o afeto, a auto-estima e a saúde física e mental. Encontra-se negativamente relacionada à depressão, à ansiedade, à síndrome de *burnout* e ao afeto negativo (BROUWER, MEIJER, WEEKERS, BANEKE, 2008).

Nas pessoas com níveis mais elevados de esperança, a resposta emocional é menos intensa e mais adaptativa e, deve-se ao fato de serem mais capazes de gerar caminhos alternativos frente aos desafios tendo a motivação para o fazer. As pessoas com baixo nível de esperança abordam os objetivos com um estado emocional negativo e um foco na falha (SNYDER, 1995).

Alguns estudos têm comprovado correlações positivas entre elevados níveis de esperança e o funcionamento psicológico e social em adolescentes como a satisfação com a vida, desempenho escolar e acadêmico, competição desportiva, saúde física, saúde mental, entre outros (SHOREY, SNYDER, YANG, LEWIN, 2003; SNYDER, 2002).

No desenvolvimento da pesquisa, os adolescentes contribuirão de forma bastante significativa para a compreensão das hipóteses com relação ao sentimento de esperança e do sofrimento emocional em adolescentes, sendo possível mensurar a partir da Escala de Esperança Disposicional PACICO, ZANON, BASTIANELLO, HUTZ, 2011) a percepção dos adolescentes e das adolescentes visando contribuir para o desenvolvimento de ações planejadas, sistematizadas, intencionais e contínuas que estimulem e potencializem o sentimento de esperança e o olhar para as questões referentes ao sofrimento emocional, com práticas de escuta, participação, acolhimento e cuidado, possibilitando a ampliação da utilização da Escala de Esperança em Adolescentes nos diversos contextos sócio-histórico-culturais.

REFERÊNCIAS

- ALARCON, G. M., BOWLING, N. A., & KHAZON, S. (2013). Great expectation: a meta-analytic examination of optimism and hope. *Personality and Individual Differences*, 54(7), 821-827.
- ARIÈS, P. História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1981.
- BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BROUWER, D., MEIJER, R. R., WEEKERS, A. M., BANEKE, J. J. (2008). On the dimensionality of the Dispositional Hope Scale. *Psychological Assessment*, 20(3), 310–315.
- CARRETTA, C M RIDNER, S H DIETRICH, M S 2014 Hope, Hopelessness, and Anxiety A Pilot Instrument Comparison Study *Archives of Psychiatric Nursing*, 28 230 234.
- FARIA, H. R., ZANINI, D. S., CAMPOS, D. C. (2021). Promoção da esperança como fator autoprotetivo. *Psicologia em Processo*, 2021, V. 01 p. 99 a 106.
- FREIRE, P. Pedagogia da Esperança. Um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

- KRENAK, A. Ideias para adiar o fim do mundo, 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LIMA, T. C. S., MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. Rev. Katál. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45 2007.
- MACHADO, T. S. (2003). Raciocínio operatório formal: o que se mantém do original da definição piagetiana? *Psychologica*, 32, 147-169.
- MARQUES, S. C., PAIS-RIBEIRO, J. L. & LOPEZ, S. J. (2009). Validation of a Portuguese version of the Children's Hope Scale. *School Psychology International*, 30(5), 538-551.
- MINTO, E. C., PEDRO, C. P., NETTO, J. R. C., BUGLIANI, M. A. P., GORAYEB, R. (2006). Ensino de habilidades de vida na escola: uma experiência com adolescentes. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 3, p. 561-568, set./dez. 2006.
- PACICO, J. C., BASTIANELLO, M. R., ZANON, C., HUTZ, C. S. Adaptação e validação da escala de esperança disposicional para adolescentes. Porto Alegre, 2011.
- PIAGET, J. (1962/2004). Os estádios do desenvolvimento intelectual da criança. In A. Slater & D. Muir (Eds.). *The Blackwell Reader in Developmental Psychology*. [trad. port. *Psicologia do desenvolvimento* (pp. 55-63). Lisboa: Instituto Piaget, 2004].
- PUIG, J. M. A construção da personalidade moral. São Paulo: Editora Ática, 1998.
- RUIVO, A. C. R. Esperança, Competência Cognitiva e Vinculação em Adolescentes Institucionalizados em Lares de Infância e Juventude e Centros Educativos: um estudo exploratório. Dissertação de Mestrado em Psicologia (Psicologia do Desenvolvimento), Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, 2015.
- SAVAHL, S., ADAMS, S., CARELS, C., SEPTEMBER, R. (2013). An Exploration into the Impact of Exposure to Community Violence and Hope on Children's Perceptions of Well-Being: A South African Perspective. *Child Ind. Res.*, 6, 579-592.
- SHOREY, H. S., SNYDER, C. R., JANG, X. & LEWIN, M. R. (2003). The role of hope as mediator in recollected parenting, adult attachment and mental health. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 22 (6), 685-715.
- SNYDER, C. R., HARRIS, C., ANDERSON, J. R., HOLLERAN, S. A., IR-VING, L. M., SIGMON, S. T., HARNEY, P. (1991). The will and the ways: Development and validation of an individual-differences measure of hope. *Journal of Personality and Social Psychology*, 6, 570-585.
- SNYDER, C. R. (1994). Discovering Hope. In C.R. Snyder (ed.), *The psychology of hope: you can get there from here*. New York: Free Press, p.3-21.
- SNYDER, C. R. (1995). Conceptualizing, measuring, and nurturing hope. *Journal of Counseling and Development*, 73, 355-360.

SNYDER, C. R. (2002). Hope theory: Rainbows in the mind. *Psychological Inquiry*, 13, 4, pp. 249-275.

SNYDER, C. R., RAND, K. L. AND SIGMON, D. R. (2002) Hope Theory: A Member of the Positive Psychology Family. In: Snyder, C. R. and Lopez, S. J., Eds., *Handbook of Positive Psychology*, Oxford University Press, New York, 231-243.

SNYDER, C. R., RAND, K. L. & SIGMON, D. R. (2005). Hope Theory: a member of the positive psychology family. In C. R. Snyder & S. J. Lopez (Orgs.), *Handbook of Positive Psychology* (pp. 257-276). New York: Oxford University Press.

SNYDER, C. R.; LOPEZ, S. J. (2009). *Psicologia Positiva: uma abordagem científica e prática das qualidades humanas* (1° ed.). Artmed.

TARDELLI, D. A., *Identidade e adolescência: expectativas e valores do projeto de vida*. *Revista Eletrônica Pesquiseduca* v. 2, n. 3, jan.-jun. 2010.

PAJARES, R. C.; AZNAR-FARIAS, M.; TUCCI, A. M. e OLIVEIRA-MONTEIRO, N. R. de. *Comportamento pró-social em adolescentes estudantes: uso de um programa de intervenção breve*. *Temas psicol.* [online]. 2015, vol.23, n.2, pp. 507-519.

VALLE, M. F. HUEBNER, E. S. & SULDO S. M. (2006). An analysis of hope as a psychological strength. *Journal of School Psychology*, 44, 339-406.